



Ensaio - Sartre e o Auge Vertiginoso da Liberdade

Publicado em 2026-04-26 10:11:44



BOX DE FACTOS

- Para Sartre, o homem **não possui uma essência pronta** anterior à sua existência.
- A liberdade não surge como simples direito político, mas como **estrutura íntima da condição humana**.
- O sujeito é chamado a **construir-se pelas suas escolhas**, sem álibis metafísicos absolutos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

para escapar ao peso de ser projecto.

- Em Sartre, a liberdade é simultaneamente **abismo e dignidade**.

Sartre e o Auge

Vertiginoso da Liberdade

A liberdade, em Sartre, não é ornamento da vida humana nem palavra decorativa para discursos optimistas. É a própria ferida aberta da existência: o homem não nasce concluído, não recebe um sentido pronto, não traz consigo um manual secreto. Existe primeiro, escolhe depois, e nessa escolha constrói-se, perde-se, inventa-se e responde por si.

Há filósofos que pensam a liberdade como um direito, outros como uma faculdade, outros ainda como uma conquista política ou moral. Em Sartre, porém, a liberdade não aparece como um bem entre outros, nem como uma dimensão acessória da vida humana. Ela surge como o próprio centro

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

necessidade de esconder-se. E é precisamente por isso que, em Sartre, a liberdade atinge um ponto extremo, quase insuportável: deixa de ser conforto e torna-se destino. A grande ruptura sartriana começa com a recusa da idéia de que o homem possua uma essência pronta, anterior à sua existência. Não nascemos com um molde espiritual acabado, com uma natureza rigidamente definida ou com uma missão inscrita em algum plano transcendente. Primeiro existimos. Só depois, no tecido das acções, das escolhas, das recusas, dos compromissos e das fugas, vamos desenhando aquilo que somos. Esta inversão tem consequências imensas. Significa que o homem não encontra em si uma definição pronta a obedecer; encontra antes uma tarefa. Não é um objecto feito, mas uma obra em aberto.

A liberdade como peso ontológico

É aqui que a liberdade deixa de ser uma palavra simpática e se transforma num peso ontológico. Porque, se não há essência dada, então a existência humana é entregue a si mesma. Cada gesto passa a contar. Cada decisão participa na construção do eu. Cada recusa desenha um perfil. O homem

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ruça. Sartre percebe com uma lucidez devastadora que o ser humano deseja frequentemente a liberdade em abstracto, mas teme-a quando ela se revela como responsabilidade concreta. Daí a angústia. Não a angústia banal do medo diante de um perigo preciso, mas uma angústia mais funda, que nasce do reconhecimento de que somos nós, e não outra instância superior, que temos de responder pela direcção da nossa vida. O homem gostaria de se apoiar num solo definitivo. Gostaria de ouvir uma voz última que lhe dissesse: “é isto que deves ser”, “é este o teu lugar”, “esta é a tua verdade final”. Sartre retira-lhe esse chão. E, ao fazê-lo, expõe o sujeito à experiência vertiginosa de existir sem garantias absolutas. A liberdade não aparece então como um jardim aberto, mas como uma clareira nua, sem tecto protector, onde cada um é chamado a escolher sem certeza plena.

Situação, limite e ultrapassagem

No entanto, esta visão não deve ser confundida com um voluntarismo ingénuo. Sartre não diz que o homem paira acima do mundo como uma consciência pura, sem corpo,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

linguagem, de corpo, de tempo e de contingência. Ninguém escolhe o ponto de partida absoluto da sua existência. Há sempre uma espessura do dado que nos precede e condiciona. Mas o essencial, para Sartre, é que esse dado nunca esgota totalmente o sujeito. O homem não é apenas aquilo que lhe aconteceu; é também a maneira como assume, recusa, transforma ou ultrapassa o que lhe aconteceu. É nesta tensão entre situação e ultrapassagem que a liberdade humana adquire a sua verdadeira dramaticidade. O sujeito está no mundo, mas não coincide inteiramente com ele. Recebe condições, mas não é pura soma dessas condições. Tem passado, mas não está condenado a ser apenas o seu passado. Vive num corpo, numa sociedade, numa época, mas pode tomar posição diante de tudo isso. A liberdade sartriana não é a ausência de limites; é a impossibilidade de ser reduzido completamente aos limites. O homem pode ser ferido, condicionado, pressionado, humilhado, empurrado para papéis estreitos — mas continua a haver nele uma fissura, uma abertura, uma capacidade de não coincidir em absoluto com o papel que lhe foi atribuído.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É por isso que a má-fé ocupa um lugar central neste pensamento. A má-fé é a tentativa de fugir à liberdade fingindo que se é uma coisa fixa. É o gesto pelo qual o indivíduo procura refugiar-se no seu papel social, na sua função, no seu temperamento, nas suas circunstâncias, como se pudesse dizer: “não sou mais do que isto”. Nessa atitude há uma espécie de mentira íntima. O sujeito deseja ser coisa para não ter de suportar o fardo de ser liberdade. Deseja ser função para não ter de ser projecto. Deseja ser definição para não ter de enfrentar a abertura do existir. A má-fé é, assim, uma tentação profundamente humana: a tentação de trocar a inquietação da liberdade pela tranquilidade ilusória da rigidez. Mas Sartre não cede a essa tentação. O seu pensamento é severo, quase cruel, porque insiste em recordar que o homem nunca pode refugiar-se completamente naquilo que é. Há sempre um resto de indeterminação, uma margem de escolha, uma transcendência interior. Mesmo quando obedecemos, escolhemos obedecer. Mesmo quando nos resignamos, escolhemos resignar-nos. Mesmo quando calamos, há nesse silêncio uma tomada de posição. O homem é, por isso, mais



A dignidade terrível do ser humano

Todavia, seria simplista ver nesta filosofia apenas dureza. Há nela também uma extraordinária confiança na dignidade humana. Ao negar que o homem tenha uma essência fechada, Sartre restitui-lhe a possibilidade de se reinventar. A existência deixa de ser prisão metafísica e torna-se campo de criação. O ser humano pode sempre ultrapassar-se, romper com a máscara, recusar a definição herdada, abrir novas possibilidades. Não está absolutamente encerrado numa identidade fixa. É este o lado luminoso de uma filosofia tantas vezes lida apenas pelo lado da angústia. A mesma liberdade que pesa é também a que salva o homem da redução a objecto. A mesma abertura que inquieta é a que impede o fechamento total da vida. Talvez por isso a liberdade sartriana tenha algo de heróico e algo de trágico ao mesmo tempo. Heróico, porque afirma a grandeza do homem enquanto ser capaz de se fazer. Trágico, porque essa tarefa nunca se cumpre sem perda, sem risco, sem erro, sem ambiguidade. O homem não escolhe desde um trono de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

liberdade não é aqui uma celebração fácil do "posso tudo"; e antes a experiência austera do "tenho de responder por aquilo que faço de mim, mesmo sem possuir garantias finais".

Sem essência, sem álibi, sem repouso

É precisamente neste ponto que Sartre se torna um dos pensadores mais exigentes da modernidade. Outros defenderam a liberdade no plano político, jurídico ou moral. Sartre desce mais fundo: coloca-a no coração do ser humano. Antes de ser cidadão, eleitor, trabalhador ou sujeito de direitos, o homem é para ele um ser que existe sem essência previamente dada e que, por isso mesmo, tem de construir-se. A liberdade deixa assim de ser apenas tema de filosofia política e torna-se estrutura da própria existência. Pode objectar-se, com razão, que esta formulação corre o risco do excesso. Por vezes, ela parece confiar demasiado na capacidade do indivíduo para se autodeterminar, como se as forças históricas, sociais e materiais não fossem suficientemente esmagadoras. Há, de facto, momentos em

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

eridas pela pobreza, pela opressão, pela doença, pela violência ou pela exclusão. Convém, pois, não transformar a liberdade sartriana numa abstração indiferente à dureza do real. Mas mesmo aceitando essa correção, permanece algo de decisivo no seu pensamento. Sartre obriga-nos a não reduzir o ser humano a mera coisa, a mero produto, a mero efeito passivo. Obriga-nos a reconhecer que há na existência humana uma abertura irreduzível, uma inquietação, uma capacidade de se posicionar diante do mundo. E isso tem um valor imenso. Num tempo em que tantas ideologias procuram classificar, catalogar, determinar e encerrar o indivíduo em rótulos, estatísticas, identidades rígidas ou explicações totais, a lição sartriana continua a soar como um gesto de resistência: o homem nunca coincide plenamente com a etiqueta que lhe colam.

Conclusão: o precipício iluminado

Se há um auge da liberdade em Sartre, ele encontra-se aqui: na recusa de qualquer alibi absoluto. O homem está só diante da tarefa de existir. Não há essência que o salve, nem natureza que o desculpe, nem destino que o absolva

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dura — e e. Mas possui também uma nobreza rara. Ela devolve ao homem a gravidade da sua presença no mundo. No fundo, Sartre diz-nos algo de profundamente incómodo e profundamente libertador: não somos uma fórmula concluída, mas um problema vivo. Não somos uma definição, mas uma construção incessante. Não somos uma essência tranquila, mas uma liberdade em trabalho. E talvez seja precisamente por isso que a sua filosofia ainda incomoda. Porque a liberdade, levada até ao fim, nunca é leve. É um abismo. Mas um abismo iluminado.

Nota editorial: Num tempo saturado de etiquetas, explicações automáticas e identidades embaladas em série, Sartre continua a ser um escândalo filosófico. Recorda-nos que o homem não é coisa acabada, nem engrenagem obediente, nem reflexo passivo das circunstâncias. É escolha, responsabilidade, inquietação e projecto. E isso, numa época que prefere desculpas a consciência, permanece profundamente subversivo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

humano.

Nota pessoal: Desde que me conheço, a liberdade nunca foi para mim uma palavra leve. Foi antes um peso interior, uma exigência constante, quase uma vigília da alma. Enquanto muitos pareciam adaptar-se naturalmente às conveniências do mundo, eu senti sempre uma resistência funda a aceitar sem pensar, a obedecer sem interrogar, a viver sem procurar um sentido mais alto e mais verdadeiro. Essa liberdade interior deu-me lucidez, mas também me trouxe solidão. Fez-me ver demasiado cedo a mediocridade, o conformismo, a facilidade com que tantos trocam a consciência pelo conforto e a verdade pela pertença ao grupo. E, talvez por isso, a minha existência tenha sido marcada por esse combate íntimo entre a necessidade de viver entre os outros e a impossibilidade de me trair a mim mesmo. Carregar a liberdade como destino não é repousante. É, muitas vezes, uma forma de exílio. Mas é também a única maneira que conheço de permanecer fiel àquilo que



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)